

EUCLIDES DA CUNHA NO PARAÍSO PERDIDO – ACRE

Eliana da Cunha Lopes (FGS)

elianalatim@yahoo.com.br

Ivone da Silva Rebello (SEEDUC-RJ)

ivonerebello@yahoo.com.br

O presente trabalho consiste num estudo crítico de caráter sócio-histórico e literário do olhar de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Destacamos duas vertentes do autor: a visão de natureza e civilização, permeada pela lógica positivista de Comte, e a visão poético-metafórica da descrição da região e do seringueiro. Euclides foi nomeado chefe da comissão brasileira de reconhecimento e demarcação do Alto Purus, em agosto de 1904, sob o patrocínio do Barão do Rio Branco, cuja tarefa era reconhecer os limites entre Brasil e Peru, a fim de resolver os conflitos violentos entre seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos na região. Entre 1904 e 1905, esteve na Amazônia e pôde testemunhar uma realidade diferente daquela divulgada pela literatura de viagem do século XIX, contaminada pelos ideais românticos da estética do sublime. Antes dessa difícil empreitada, o escritor já conhecia profundamente os viajantes naturalistas que antes dele estiveram na região como: Spix, Martius, La Condamine, Castelnu, Agassiz, Chandless e Alexandre Rodrigues Ferreira, entre outros. Estes lhe deram o conhecimento de que precisava para ratificar ou não tais leituras. O *corpus* desta pesquisa está pautado em duas obras fundamentais: *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, de Leandro Tocantins (1978) e *Um Paraíso Perdido: reunião dos Ensaios Amazônicos*, de Euclides da Cunha (Seleção de Hildon Rocha, 1976). Fizemos uma revisão bibliográfica para adquirir subsídios teóricos que fundamentassem a análise proposta, além de examinarmos textos específicos sobre o autor, sua obra em estudo e sua correspondência ativa. E, para atingirmos o objetivo proposto, procedemos à leitura da obra, tendo em vista o nível semântico-linguístico, a literariedade, a descrição da realidade física, social e cultural da região amazônica e seu contexto histórico e político.